



*FORA
DE SÉRIE,
OUTUBRO
2011*

A MODA EM EQUILÍBRIO

O que nunca vai sair de moda (achamos nós)? A filantropia de Diego Della Valle, a cozinha tornada ciência, um alfaiate português em Saville Row, os galãs que nunca deixarão de o ser. Ah! E os saltos altos, claro.

E AINDA

O império Gucci. Os casos misteriosos, as intrigas da família e um assassinato são capítulos de uma história à italiana, onde a criatividade sempre foi a arma do sucesso.





UM DESERTO AO CONTRÁRIO

Um risco apressado em ocre sobre um fundo verde. É o que parece. Depois vê-se a adega, depois as vinhas, depois o hotel e só depois o resto da paisagem. Finalmente vê-se tudo. Que é como se fosse nada: ver não chega. A Quinta do Vallado é daqueles sítios de paragem obrigatória.

TEXTO DE ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA

Olha-se para a paisagem e há lá uma língua ocre encaixada no arvoredo verde da encosta, como se fosse uma linha de areia do deserto transferida para as escarpas do Douro num sobressalto da geografia. O ocre que ostenta nas suas paredes é a imagem de marca da Quinta do Vallado – uma propriedade de sete dezenas de hectares que agrega a produção de vinhos de excelência à capacidade de oferecer uma estadia soberba a quem demanda a região.

Encaixada nas escarpas do Rio Corgo – a muito poucos quilómetros da Régua, cidade que está cada vez mais um susto de prédios e de abandonos – a quinta é um refúgio de tranquilidade e sombras, como se fosse para ali que converge quem está cansado das azáfamas do mundo e das suas diversas podridões, ou quem precisa de reencontrar qualquer coisa de que já não se lembra.

Havendo dela informação desde o longínquo ano de 1716, a quinta foi um dos activos da poderosa Dona Antónia Adelaide Ferreira – que em seu tempo foi como um Pombal, o marquês, tão largas eram as suas posses e tão longe se estendia a justeza do seu braço – e ainda se mantém na família, volvidos quase três séculos. Em 300 anos, difícil teria sido que não houvesse um desleixo, uma intempérie mais feroz ou umas silvas que se adensam que não tivessem quebrado, ao menos por um instante, o encanto do socalco sobre o Corgo.

Terá isso sucedido, ou se calhar não, mas o certo é que, em 1993, a quinta como que renasceu para outro esplendor: o vinhedo foi corrigido das sevícias do tempo e posto a crescer com o fito de produzir vinhos de grande qualidade que pudessem ostentar o seu próprio nome. Resultou daqui, para posterior degustação dos interessados, uma vinha que acumula a novidade e as subtilezas das mais recentes tecnologias (em 50 hectares) à patine soberana das cepas velhas e frondosas (em 20 hectares) – de que haveria de resultar um casamento impossível de infelicidade.

No entretanto, a região foi recolhendo – principalmente desde que ascendeu à condição respeitável mas principalmente responsabilizante de Património da Humanidade – outras valências (como se fosse necessário fazer crescer novas virtudes), outras obrigações e outras formas de se dar (a conhecer) ao mundo. Em causa estavam, por um lado, alguma excessiva exposição regional à mono-cultura do vinho; e, por outro, a dificuldade em segurar as pessoas na região, impossível apenas pela contemplação da paisagem, por muito esplendorosa que ela seja.

O Vallado decidiu dar resposta a essa necessidade – que também serviu de desafio – e em muito apropriada hora apostou na abertura da casa ao enoturismo. A casa principal foi remodelada com a severidade que se impõe quando as coisas não são novas – mas a elas foram acrescentadas as coisas boas da idade moderna, pelo menos aquelas que não chocam



com as antigas. Prova disso está mais que exposta à clareza do espaço pela varanda/terraço que, despondo do primeiro andar e como que atirando-se para a imensidão dos socacos, é uma das zonas mais aprazíveis da quinta.

Conta João Álvares Ribeiro – um dos responsáveis pelo Vallado juntamente com Francisco Ferreira – que havia ali uma coisa qualquer que não era fácil nem de admirar nem de admitir. Um dia, andava por ali um amigo da casa que por acaso era arquitecto – e que por acaso se chama Souto Moura – que olhou para aquilo e não achou nada bem. Acto contínuo, pegou num papel e num repente esboçou a solução que lhe pareceu apropriada e mais a condizer, tanto com a casa como com os socacos que lhe estão em volta – e que resultou no que lá está e, salvo melhor opinião, merece ser visto.

Isolada a decisão de investir no enoturismo, a Quinta do Vallado decidiu abrir – nesse espaço pintado a ocre – cinco quartos; que aliam a simplicidade ao espaço, numa robustez de móveis e de ideias breves, que transformam cada um deles num lugar de onde não apetece sair.

E por certo não se sairia se não houvesse os socacos em volta, as vinhas para cima e para baixo e a zona da piscina – que é como se fosse um trampolim de onde apetece mergulhar no Corgo. Não é suposto fazer-se semelhante coisa, não tanto pelo desconhecimento da qualidade da água, mas mais porque até ao rio ainda distam bem uns 200 metros, mas é suposto que os hóspedes



O Vallado decidiu apostar na abertura da casa principal ao enoturismo. Foi feita uma renovação, que não choca com a antiguidade da sua História, e que pode não ficar por aqui. Em cima, Dona Antónia Adelaide Ferreira, proprietária da quinta desde 1716.

pedes por ali fiquem até à hora que lhes apetecer, mesmo que a hora seja tarde – pelo que cada um sabe onde fica o interruptor que, pela noite, faz aparecer a luz.

Mas como ao João e ao Francisco parece não lhes merecer crédito o ficarem à espera que as uvas vão indo pelos meses fora até à condição da vindima, o Vallado vai sempre crescendo. E cada coisa parece ficar melhor que a outra. O mais recente acrescento ao complexo da quinta é a adega e as caves. Com traço da autoria do arquitecto Francisco Vieira de Campos, o edifício esconde as máquinas que servem para vinificar as uvas, para guardar o que delas sai, para verter o vinho para as garrafas e finalmente para as acondicionar, enquanto o próprio vinho se acondiciona à vida quase eterna que tem pela frente.

Sucede-se isso, como é costumeiro, nas caves (ou armazém de envelhecimento). Só que as caves do Vallado são tudo menos costumeiras. O espaço é uma espécie de túnel abobadado (faz de repente lembrar a abertura de um túnel de comboio) que se estende por muitas dezenas de metros à frente de quem entra, e onde estão acondicionadas (ou podem estar) mil barricas. O estudo do desenho da luz confere ao lugar um misto de referências que resultam numa profusão de sentimentos. Há ali espaço para a magia, o encantamento, o segredo, o inesperado, o subtil, o misterioso e a paz. É um lugar único, que de certeza constituirá uma experiência diferente e pessoal para quem a quiser empreender. E há também uma loja. Como seria de esperar, o espaço está em linha para receber comendas e prebendas pela excelência da arquitectura – como tem sucedido a outros espaços semelhantes que, tal como o do Vallado, têm apostado em grandes nomes da arquitectura.

Mas se as adegas e as caves já lá estão, falta ainda o que vai estar. E isso é um novo hotel – que, espera-se, vai estender na paisagem a linha ocre que já lá está – previsivelmente apto a abrir dentro de poucos meses. Serão mais oito quartos a acrescentar aos cinco que já existem e onde por certo vai ser replicada a excelência da casa mais antiga. João Álvares Ribeiro explica porque é que, apesar de serem apenas mais oito quartos, o edifício – que está a ser construído entre a casa antiga e o edifício das adegas/caves – parece tão grande. É que, quem vai ao Douro quer conhecer tudo, ver tudo, provar tudo. E multiplicar as experiências através da partilha com quem mais lá está. Quer isto dizer que o Vallado decidiu preferir grandes espaços comuns ao invés do encastelamento de quartos sobre quartos – o que por certo seria (mas não é essa a finalidade) bem mais agradável em termos de resultados financeiros.

Faltam os vinhos, mas esses falam por si.

E é isto o Vallado – não sendo pouco – ficando-se à espera de perceber-se para que lado vai o próximo crescimento, sendo claro que vai pelo lado certo, como tem ido sempre até hoje. 